

RETALHOS DE MEMÓRIAS: LEMBRANÇAS DOCENTES QUE RECONTAM O TRABALHO DE SALA DE AULA

Dr. Alessandro Carvalho Bica
Mestranda Simôni Costa Monteiro Gervasio
Universidade Federal do Pampa

RESUMO: Este trabalho tem como proposta discutir a importância de iniciativas que visem revisitar e preservar memórias docentes, compreendendo a sua potencialidade para a preservação de alguns aspectos significativos para a história da educação gaúcha. Tal interesse foi despertado durante a realização do projeto de pesquisa “Memórias docentes: a utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul no município de Bagé/RS”, que teve como objetivo compreender a influência, credibilidade e aceitação da Revista do Ensino/RS sobre os saberes e práticas de professores que, atuantes nas décadas de 50,

60, 70 e 80 no município de Bagé, tinham acesso ao material e as propostas difundidas pela Revista. Durante o caminho da pesquisa, realizada por meio de entrevistas com professores, a importância da preservação e compreensão das histórias, em formato de memórias, que foram revividas pelos entrevistados, foi despertada a partir da percepção sobre a vivacidade e riqueza de detalhes que somente quem vivenciou os fatos narrados é capaz de relatar, auxiliando a remontar capítulos fundamentais para a história da educação.

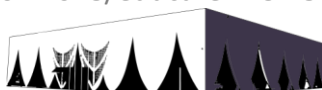
PALAVRAS-CHAVE: Memória; Trabalho docente; Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

MEMORIAL PATCHWORK: TEACHING REMINDS RECALLING CLASSROOM WORK

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss the importance of initiatives aimed at reviewing and preserving teaching memories, including their potential for the preservation of some significant aspects of the history of the state of Rio Grande do Sul. This interest was aroused during the realization of the research project "Teaching memories: the use of the Revista do Ensino do Rio Grande do Sul in the city of Bagé / RS", whose objective was to understand the influence, credibility and acceptance of the Revista do Ensino / RS on the knowledge and practices of teachers who,

working in the 1950s and 1980s in Bagé municipality, had access to the material and proposals disseminated by the Journal. During the research, conducted through interviews with teachers, the importance of the preservation and understanding of the stories, in the format of memories, that were revived by the interviewees, was awakened from the perception about the vivacity and richness of details that only those who lived the facts narrated is able to report, helping to reassemble chapters fundamental to the history of education.

KEYWORDS: Memory; Teaching work; Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.



1 INTRODUÇÃO

De um projeto de pesquisa que tem como objetivo compreender a importância e relevância da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (uma publicação da Secretaria de Educação do Estado, editada de 1939 a 1994 e direcionada aos professores) por meio de entrevistas realizadas com docentes que, atuantes no período em que a revista circulou, a utilizavam em sala de aula como um recurso didático-pedagógico, surgiu este trabalho, que objetiva destacar a relevância de características que puderam ser apreendidas durante as entrevistas realizadas com professores, identificando a importância de dar voz as suas memórias e reviver o trabalho realizado por estes docentes.

A temática da memória não é o foco central da pesquisa que origina este trabalho, mas ganhou destaque por revelar-se como fundamental para a preservação e compreensão de fenômenos sociais que se apresentam como um processo histórico, que observa e analisa as características culturais de um determinado povo. Com isso, entende-se que a sociedade como produtora e reprodutora de conhecimento deve preservar e reviver as histórias e cultura que representam a identidade de um povo.

Ao mesmo tempo, as memórias revividas pelos professores durante as entrevistas apresentam-se repletas de sentimentos de saudade, remorso, alegria e satisfação, despertando, no caminho da pesquisa em questão, o interesse pela compreensão e valorização de tais sentimentos que fazem parte de um capítulo da educação bageense.

A preservação da memória é motivo de preocupação e motivação, uma vez que, em diferentes contextos e suportes, é preciso refletir sobre o perigo de esquecer ou perder registros que relatam fatos históricos marcantes de uma determinada sociedade. Para este trabalho, utiliza-se o conceito de memória conforme apontado por Jacques Le Goff (2003) que a concebe como fundamental para uma maior compreensão dos aspectos históricos que fazem parte da



história da educação. Para o autor, memória é a capacidade de armazenar certas informações e propriedades, a partir do uso de funções psíquicas.

Nesse sentido, o conceito de memória pode ser entendido como um insumo colaborativo para a construção do conhecimento de um povo e sobre um povo. Assim, a memória, formada subjetivamente, apresenta-se como um meio de transmissão de experiências e modo de rever o passado.

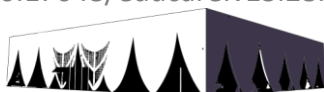
Colaborando com a argumentação sobre a importância de preservar a memória, Costa (2007) lembra que “um dos fenômenos mais trágicos das sociedades pós-modernas é a ausência (ou perda) da memória, seja ela individual ou coletiva. Sim, hoje o homem é um infeliz desmemoriado” (COSTA, 2007, p. 02). E, argumenta:

Sem memória, hoje, nossa civilização caminha desnordeada, pois não conhece seu passado, não tem consciência em seu presente, e não projeta perspectiva no futuro. Urge retomá-la, à luz da História, com vontade, entendimento e, sobretudo benevolência, e dar novamente um sentido à nossa existência nesse mundo (COSTA, 2007, p.12).

Assim, este trabalho soma-se aos argumentos sobre a preservação de memórias, contribuindo para que elas não sejam perdidas e possam ter revivido o seu valor e importância, além de destacar que os seres humanos que as guardam são, também, os atores que constituem a sociedade. Para tal, observa e destaca sentimentos e percepções comuns em todas as entrevistas realizadas, buscando enfatizar a sua importância e função na história da educação bageense nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980.

2 O ELO DE PARTIDA

Por muitos anos, a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, publicação editada pela Secretaria de Educação de 1939 a 1994, foi fonte de pesquisa, informação e troca de experiências para professores de todos os níveis e cantos do Estado, possibilitando que, hoje, seja possível a partir da sua revisitação,



avaliar práticas educativas, tendo contato com as manifestações de propostas, métodos e agendas de inovação, que representaram a vida escolar no período.

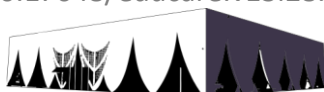
Este conjunto de revistas educacionais compõe a chamada Imprensa Periódica Pedagógica, entendida por Bastos (2002) como um conjunto de materiais destinados aos professores que se apresenta como imprescindível fonte de pesquisa para historiadores da educação, preocupados em compreender questões teóricas e práticas relacionadas aos métodos utilizados por professores a partir do uso deste tipo de material.

Autores como Nóvoa (2002) defendem também pesquisas sobre a importância e a função da Imprensa Periódica Pedagógica que, mais recentemente, passou a ser chamada também de Imprensa de Educação e Ensino. Segundo ele, as análises sobre a Imprensa Periódica Pedagógica podem contribuir de sobremaneira para:

[...] apreender discursos que articulam práticas e teorias que se situam no nível macro do sistema, mas também no nível micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. (...) A imprensa é, talvez, o melhor meio para compreender as dificuldades de articulação entre a teoria e a prática: o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos actores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.) (NÓVOA, 2002, p. 11 – 13).

E, acrescenta ainda:

[...] Na verdade, é difícil encontrar outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projecto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre 'a quente', as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época [...] (NÓVOA, 2002, p. 30 -31).



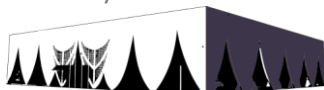
Sendo assim, conforme defende Catani (1996) “as revistas especializadas em educação constituem uma instância privilegiada para a compreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, do trabalho pedagógico” (CATANI, 1996, p117.). Para ela:

Acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida dessas revistas permite conhecer as lutas por legitimidade, que se travam no campo educacional. É possível analisar a participação dos agentes produtores do periódico na organização do sistema de ensino e na elaboração dos discursos que visam a instaurar as práticas exemplares (CATANI, 1996, p. 117).

No caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, a Imprensa Periódica Pedagógica ou Imprensa de Educação e Ensino, entendida como uma vasta e importante fonte de conhecimento e informação a respeito da história da educação é, também, um significativo instrumento de propagação da doutrina pedagógica oficial e, daí, o interesse em analisar os discursos veiculados e, principalmente, a receptividade dos professores a essas ideias para compreender os mecanismos que faziam a educação acontecer na época e que compõem um contexto histórico e social da organização escolar gaúcha.

A Revista do Ensino do RS, de acordo com Bastos (2002) foi editada pela primeira vez em setembro de 1939, e publicada até o ano de 1942, configurando a primeira fase da edição do periódico. Após, entre 1951 e 1994 é considerada a sua segunda fase, tendo voltado a circulação em virtude das ações das professoras primárias Maria de Lourdes Gastal, Gilda Garcia Bastos e Abigail Teixeira e com “o objetivo de preencher o lugar vazio que havia junto ao professor primário, estagiário ou não” (Bastos, 2002, p. 51). Durante seus 26 anos de atuação, de conforme fala Bastos (2002), a revista publicou cento e setenta (170) números, com oito a dez números anuais e uma média de 80 páginas “de material informativo didático pedagógico” (BASTOS, 2002, p. 52).

Vinculada a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, a Revista funcionava como um guia para os professores que encontravam em suas



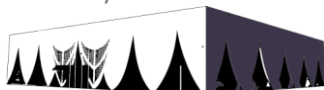
páginas “diretrizes técnico-pedagógicas, material didático e legislação relativa ao ensino” (Bastos, 2002, p.51), a autora observa ainda que a revista constituiu-se como um significativo instrumento de propagação da doutrina pedagógica oficial da época.

Os professores tinham acesso à Revista do Ensino através da venda avulsa ou por assinatura. A partir de 1971, com a reforma do ensino realizada através da lei nº 5.692/71, a Revista ampliou sua área de abrangência para, além do nível básico do ensino e, de uma publicação regional, alcançar os demais níveis de ensino e atingir o caráter nacional, com escritórios em diversos Estados e, entre os anos de 1971 e 1973, alcançar a tiragem de 55.000 exemplares, a maior de sua história.

Ainda sobre a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, Bastos (2002) explica que, sendo uma publicação oficial, o objetivo da revista era o de ser “o veículo das orientações didático-pedagógicas, da legislação do ensino, de notícias educacionais, em suma, da política educacional” (BASTOS, 2002, p. 50).

Tais argumentos podem ser evidenciados conforme Gervasio e Bica (2014) que, ao analisar os editoriais publicados pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul entre 1971 e 1974, constataram que a Revista, em um momento de reorganização do ensino promovido pela lei 5.692/71, era utilizada como um meio de comunicação e ligação direta com os professores, buscando transmitir, além de um discurso otimista e positivo sobre as mudanças, as diretrizes que deveriam guiar o trabalho docente. Sendo, assim, possível compreender a partir de releituras das páginas na Revista do Ensino, alguns capítulos que compõem a história da educação gaúcha.

Pensar sobre a história da educação, campo de pesquisa inserido na História, demanda ainda uma articulação entre aspectos educacionais e históricos. De acordo com Le Goff (2003), para uma maior compreensão dos aspectos históricos da história da educação, os conceitos de história e de



memória são fundamentais, o que reforça a proposta deste trabalho que, ao destacar as memórias das professoras que se utilizavam da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, une a possibilidade de realização de uma releitura dos aspectos históricos e didáticos que norteavam a educação no período.

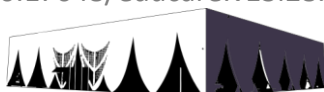
Sobre o conceito de história, posta como ciência do tempo, Le Goff (2003) argumenta que ela “está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e são um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores” (LE GOFF, 2003, p. 52). Já a memória, o autor defende como “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Ele relaciona a memória ao advento da escrita e da imprensa como forma de preservação, mas aponta uma especial aproximação da memória com a linguagem. Sobre as reflexões do autor a respeito da Memória, Silva e Lima (2009), defendem que “antes de uma ideia ser falada ou escrita, precisa primeiramente estar armazenada na memória” (SILVA e LIMA, 2009, p. 9789) e acrescentam que sentimentos como desejo, afetividade e outros, estão relacionados com a manipulação da memória individual e coletiva, consciente ou inconsciente.

Também a esse respeito, Silva e Silva (2006) defendem que “enquanto a História representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido” (SILVA e SILVA, 2006, p.56). E apontam outras diferenças entre história e memória:

Outra distinção entre História e memória está no fato de a História trabalhar com o acontecimento colocado para e pela sociedade, enquanto para a memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo. A memória recupera o que está submerso, seja do indivíduo, seja do grupo, e a História trabalha com o que a sociedade trouxe a público (SILVA e SILVA, 2006, p. 58).

Tendo por base as concepções de Le Goff (2003) e os argumentos de Silva e Silva (2006), a respeito de História e Memória, o estudo do lugar ocupado pela



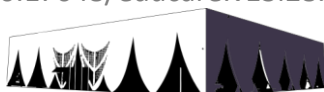
Revista do Ensino do Rio Grande do Sul ganha ainda maior importância quando aliado as vozes dos professores que se utilizavam do material em sua prática diária. Neste ponto, as memórias dos professores pesquisados ganham força ao serem registradas e perpetuadas para, além do senso comum, comporem oficialmente a história que explica o funcionamento das Revistas e, conseqüentemente, da educação bageense no período.

3 RETALHOS DE MEMÓRIA

No caminho da pesquisa “Memórias docentes: a utilização da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul no município de Bagé”, desenvolvida a partir de junho de 2016 durante o curso de especialização em Educação e Diversidade Cultural realizado na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), seis professores bageenses foram entrevistados. O elo que os liga é a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul que, no período em que eles realizam sua atividade docente, era editada e distribuída pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, servindo como base norteadora do trabalho em sala de aula.

O objetivo das entrevistas foi descobrir o real significado, relevância, e importância das Revistas para os professores que conviviam com elas. Mas, a seleção de perguntas propostas, mais do que refletir as opiniões dos professores sobre as Revistas, dispara uma série de memórias que dão voz a mais do que simples lembranças, mas também a sentimentos que recheiam a consciência dos docentes e revelam o trabalho, a história e o passado de sala de aula. A respeito do papel da linguagem com constituinte de memória, Smolka (2000, p.187) colabora argumentando:

Estudos sobre memória têm nos mostrado que o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e mesmo institui recordações, que ele se torna um lócus da recordação partilhada – ao mesmo tempo para si e para o outro – lócus portanto, das esferas pública e privada. Sob os mais diversos pontos de vista, a linguagem é vista como o processo mais fundamental na socialização da memória. A possibilidade de falar das experiências, de trabalhar as lembranças de uma forma

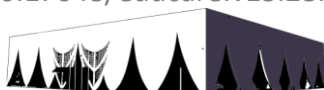


discursiva, é também a possibilidade de dar às imagens e recordações embaçadas, confusas, dinâmicas, fluidas, fragmentadas, certa organização e estabilidade. Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história (SMOLKA, 2000, p.187).

Vale lembrar que, como o foco deste trabalho é reviver as memórias e, especificamente, buscar compreender a sua função enquanto fenômeno social que constitui a identidade individual e coletiva de uma sociedade, a ênfase está em observar as falas dos professores, que compõem as suas memórias e, não, em buscar indícios sobre o funcionamento da Revista do Ensino. A intenção aqui é demonstrar o significado dessas memórias para o conjunto da história da educação.

Um aspecto interessante observado durante as entrevistas é quanto à personalidade dos entrevistados e características em comum. As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, sendo possível, com isso, observar que estes espaços são também repletos de memórias, traduzidos em objetos. São quadros, fotografias, bibelôs que, quando tem seu significado revelado, mostram-se como aparatos que ajudam a preservar a memória. Durante a primeira entrevista realizada, por exemplo, após o término das perguntas, o entrevistador foi levado por um passeio por entre porta-retratos que recontam a história da família.

Figura 1: Montagem de fotos com alguns detalhes encontrados nas casas dos entrevistados.





Fonte: Registros dos autores, 2016.

É possível fazer uma correlação com estes objetos e o que Le Goff (2003) chama de monumentos, que segundo ele são lugares de externalização da memória, ou seja, a memória nas coisas. Para ele, essas histórias contadas a partir de objetos são a “história que fermenta a partir do estudo dos “lugares” da memória coletiva” (LE GOFF, 2003, p. 473).

É visível também o laço de amizade que se estabelece entre o entrevistado e o entrevistador durante a entrevista. E, em muitos casos, é somente após o estabelecimento deste laço, que o entrevistado permite-se descobrir com mais clareza. Não à toa, durante este caminho de pesquisa, o questionário pré-estruturado que vinha sendo aplicado, precisou ser reformulado, tendo suas perguntas invertidas de modo a instigar primeiro as memórias a respeito do ser docente, aspecto que emociona e cativa os professores para, somente após, serem iniciadas perguntas relativas aos espaços de tempo e contextualização dos professores.



Durante as falas, alguns momentos evidenciam perfeitamente a capacidade dos professores de reviver emoções experimentadas há mais de 20 ou 30 anos, mas que ganham vida e sentido novamente à medida que as memórias são disparadas. Neste momento, surgem questões típicas ao magistério e ao universo feminino, como o dilema de muitas mulheres que precisam deixar os filhos aos cuidados de outras pessoas para cumprir longas jornadas de trabalho ou, ainda a questão do matrimônio como responsável pelo adiamento da conclusão dos estudos. São nestes momentos, que em alguns casos, até lágrimas surgem, carregadas de remorso ou de saudade.

Esta capacidade de reviver emoções por meio das memórias pode ser entendida também a partir do argumento de Le Goff (2003) que justifica o conjunto de funções psíquicas que compõem a memória, permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Outro sentimento comum durante as entrevista é o orgulho pelo magistério. Em um caso, por exemplo, a entrevistada confessa que formou-se professora por pressão familiar, que não a admitia como contadora, profissão que havia escolhido. Mas que, com o passar dos longos anos exercendo a docência, apaixonou-se pelo magistério e, especificamente pelos processos de alfabetização, realizando-se profissionalmente. Unânime é, também, o sentimento de orgulho ao receber notícias de ex-alunos.

Ao buscar lembrar-se de fatos e datas, algumas memórias falham e a expressão “Eu não lembro” também é bastante recorrente. Silva e Silva (2006) destacam que o autor Sigmund Freud no século XIX problematizou a memória humana, trazendo à tona seu caráter seletivo. Tal peculiaridade pode justificar a existência de sentimentos que não devem ser revividos por causar estranheza, dor ou desconforto, caracterizando a memória seletiva como também um mecanismo de defesa. Silva e Silva (2006) apontam que “Nos lembramos das coisas de forma parcial, a partir de estímulos externos, e escolhemos



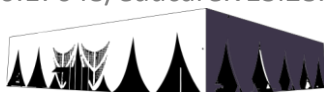
lembranças. Freud distinguiu a memória de um simples repositório de lembranças: para ele, nossa mente não é um museu” (SILVA e SILVA, 2006, p. 45).

Sobre as semelhanças encontradas entre os entrevistados, encontra-se em Silva e Silva (2006) a argumentação sobre a formação da memória coletiva, que justifica que grupos semelhantes possuem recordações parecidas sobre determinados fatos:

Mas a memória não é apenas individual. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Esse tipo de memória tem algumas características bem específicas: primeiro, gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo, como enches, boas safras ou safras ruins, quase nunca fazendo referências a acontecimentos históricos valorizados pela historiografia, e tende a idealizar o passado. Em segundo lugar, a memória coletiva fundamenta a própria identidade do grupo ou comunidade, mas normalmente tende a se apegar a um acontecimento considerado fundador, simplificando todo o restante do passado. Por outro lado, ela também simplifica a noção de tempo, fazendo apenas grandes diferenciações entre o presente ("nossos dias") e o passado ("antigamente": por exemplo). Além disso, mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens. O próprio esquecimento é também um aspecto relevante para a compreensão da memória de grupos e comunidades, pois muitas vezes é voluntário, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos. Assim, a memória coletiva reelabora constantemente os fatos (SILVA e SILVA, 2006, p. 58).

Os professores entrevistados, atuantes em períodos semelhantes, com formação acadêmica basicamente realizada através dos cursos de magistério e Pedagogia, possuem características suficientes para que sejam considerados um grande grupo de professores e, daí, a explicação para o encontro de tantas semelhanças em suas memórias.

Um ponto que não se assemelha entre as entrevista é quanto ao assunto aposentadoria. Como tratam-se de professores atuantes desde a década de 50, esperava-se encontrar todos aposentados, mas no caminho da pesquisa, dois



professores revelaram-se ainda atuantes e, de modo semelhante apontaram os motivos para o retorno para sala de aula, mesmo após a conclusão do tempo necessário para a aposentadoria: O primeiro motivo é financeiro, expondo um problema clássico do magistério brasileiro e, ainda agravado, com a aposentadoria; O segundo é o sentimento de saudade e tédio com o tempo livre.

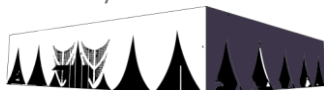
Por outro lado, os demais entrevistados mostraram-se satisfeitos com a aposentadoria, passando a exercer outras atividades e direcionando o tempo livre para a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre a História da Educação, realizadas a partir da *Imprensa Periódica Pedagógica* ou *Imprensa de Educação e Ensino* tem possibilitado a compreensão de aspectos importantes do campo educacional, auxiliando o pesquisador em estudos sobre concepções de educação e sociedade, além de apresentar ideias sobre práticas e métodos presentes em determinado período da história e do espaço geográfico.

Com isso, a *Imprensa Periódica Pedagógica* ou *Imprensa de Educação e Ensino* ganha seu espaço no campo do conhecimento da História da Educação e recebe novos significados e compreensões, passando a ser fonte e/ou objeto importante em muitos estudos, principalmente pelo fato de caracterizar-se como um dispositivo pedagógico que possibilita a compreensão de retratos sobre determinados períodos históricos.

Ao mesmo tempo, são os professores um dos principais atores que constituem o processo educacional e, as suas percepções e opiniões sobre a educação, as práticas didático-pedagógicas e outros assuntos que perpassam o campo educacional, são reflexos claros das atividades realizadas em sala de aula em qualquer período de tempo.

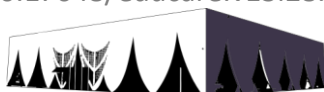


Ao unir um material tão rico em pistas sobre os processos que faziam parte da educação rio-grandenses nas décadas de 50, 60, 70 e 80, como é a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, com as vozes dos professores que utilizavam-se deste material em sua prática docente, é possível balizar e ter uma compreensão mais fiel sobre os processos de sala de aula, uma vez que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul era uma publicação editada e distribuída pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado contendo propostas de práticas, métodos e atividades para serem realizados em sala de aula, mas que dependia da aceitação dos professores para que as suas propostas fossem realmente aceitas e postas em prática.

Neste processo de investigação, as memórias docentes aparecem com papel de destaque e, de modo surpreendente, ainda estão recheadas de sentimentos vivenciados nas salas de aula de mais de 20 ou 30 anos atrás, o que demonstra o quanto as memórias são vivas e importantes para ajudar a compreender mais um capítulo da história da educação.

As lágrimas que correm dos olhos dos professores ao recordar-se do tempo passado, não demonstram somente tristeza, elas são o sentimento de dever cumprido, de orgulho por contribuir para a formação humana e profissional de muitas pessoas, as quais jamais esquecem de seus professores. Dar voz a estas memórias, mais do que reviver o passado, é valorizar o docente, que doa sua vida ao magistério e termina seus dias, algumas vezes, tendo somente as memórias como algo de valor.

É preciso dar atenção e ouvidos para estas memórias e, com isso, ter a possibilidade de compreender os processos que moviam a educação e que podem ser a origem da educação que vivenciamos atualmente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951 – 1992). In: BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Barbara (Org.). **Educação em Revista – A Imprensa Pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. 2ª edição. p. 47-75.

CATANI, Denice Barbara. **A imprensa periódica: as revistas do ensino e o estudo do campo educacional**. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/928/842>>. Acesso em 20 dez. 2017.

COSTA, Ricardo. **História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado**. SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais, Vitória: UFES, v.1, n.02, 2007. p.02-15.

GERVASIO, S. C. M.; BICA, A. C. **Os editoriais da Revista do Ensino e as propostas metodológicas veiculadas aos professores do Rio Grande do Sul na década de 70**. ENCONTRO ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 20, 2014, Porto Alegre, Anais do 20ª Encontro da ASPHE.UFRGS: Porto Alegre, 2014. p. 1132-1152.

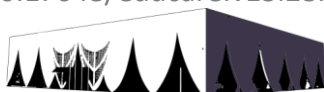
LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CATANI, Denice Barbara (Org.). **Educação em Revista – A Imprensa Pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. 2ª edição. p.11-31.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2006

SILVA, Ligiane Aparecida da; LIMA, Rosilene da. **Jacques Le Goff: Estudo de conceitos em História da Educação**. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, IX, 2009, Porto Alegre. Anais do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUC: Porto Alegre, 2009. p. 9783-9793.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Revista Educação & Sociedade, São Paulo: Unicamp, ano XXI, n 71, 2000. p. 166-193.



Recebido em: 22/01/2018

Aprovado em: 15/03/2018

